

# Obras alteram cotidiano de brasilienses

O metrô de Brasília ainda nem entrou em funcionamento, mas já provocou profundas modificações no cotidiano de muitos cidadãos. Alguns estão satisfeitos com a obra e até se orgulham dela. É o caso do pedreiro José Ferreira de Santana, um piauiense de 36 anos que há quase dois vem contribuindo para a concretização do sistema. Funcionário da construtora Norberto Odebrecht, José Ferreira é um dos dez mil desempregados que conseguiram uma colocação no mercado de trabalho graças ao metrô.

Ao contrário de José Ferreira, outros cidadãos vivem dias de verdadeiro tormento com a obra. Falam dos problemas que os canteiros estão ocasionando. O comerciante João Carvalho Filho, 34 anos, luta para não ter de fechar as portas de sua casa de lanches em Taguatinga. Com a pista central da cidade interditada para as obras, o comerciante viu as vendas caírem 80%. O consultor Miguel Feres, 50 anos, hoje tem de chegar mais cedo ao trabalho, no SCS, para encontrar vaga. O antigo estacionamento virou o poeirento canteiro de obras da Estação 02.



**João Carvalho Filho, comerciante**

Muitos fecharam as portas. Outros tantos agonizam. Este drama, vivido por dezenas de comerciantes de Taguatinga, há quase um ano está tirando o sono de João Carvalho Filho, 34 anos. Ele é proprietário do Scorpion's Lanches, localizado no térreo do edifício Diva Maria, na C-1, em Taguatinga Centro. Tudo começou quando a pista de entrada da cidade foi interditada para que ali fosse construído o túnel do metrô.

Com a interdição da pista em frente ao seu estabelecimento, João Filho estima que as vendas tenham caído cerca de 80%, na mesma proporção em que foi reduzido o movimento de transeuntes no local. "Essa obra ficou cinco meses parada, impedindo o acesso da freguesia. A clientela

deixou de vir por causa do acesso difícil e também pela falta de estacionamento", comenta.

"A primeira medida neste sentido foi reduzir o quadro de seis funcionários para apenas três. Também estou abrindo até tarde, inclusive aos domingos, para dar conta de pagar as dívidas".

Situação semelhante está vivendo a comerciante Vilrene Martins. Ela é proprietária de duas pizzarias na região, sendo que uma delas está praticamente fechada por falta de freguês. A outra, agora, só funciona à noite. "Eu tinha aqui na Beer Garden cerca de 20 funcionários. Hoje tenho apenas seis. Todo o quadro de pessoal do dia foi dispensado. Com o movimento fraco mal estou fazendo para pagar as dívidas", relatou.

FOTOS: ADAUTO CRUZ



**José Ferreira de Santana, pedreiro**

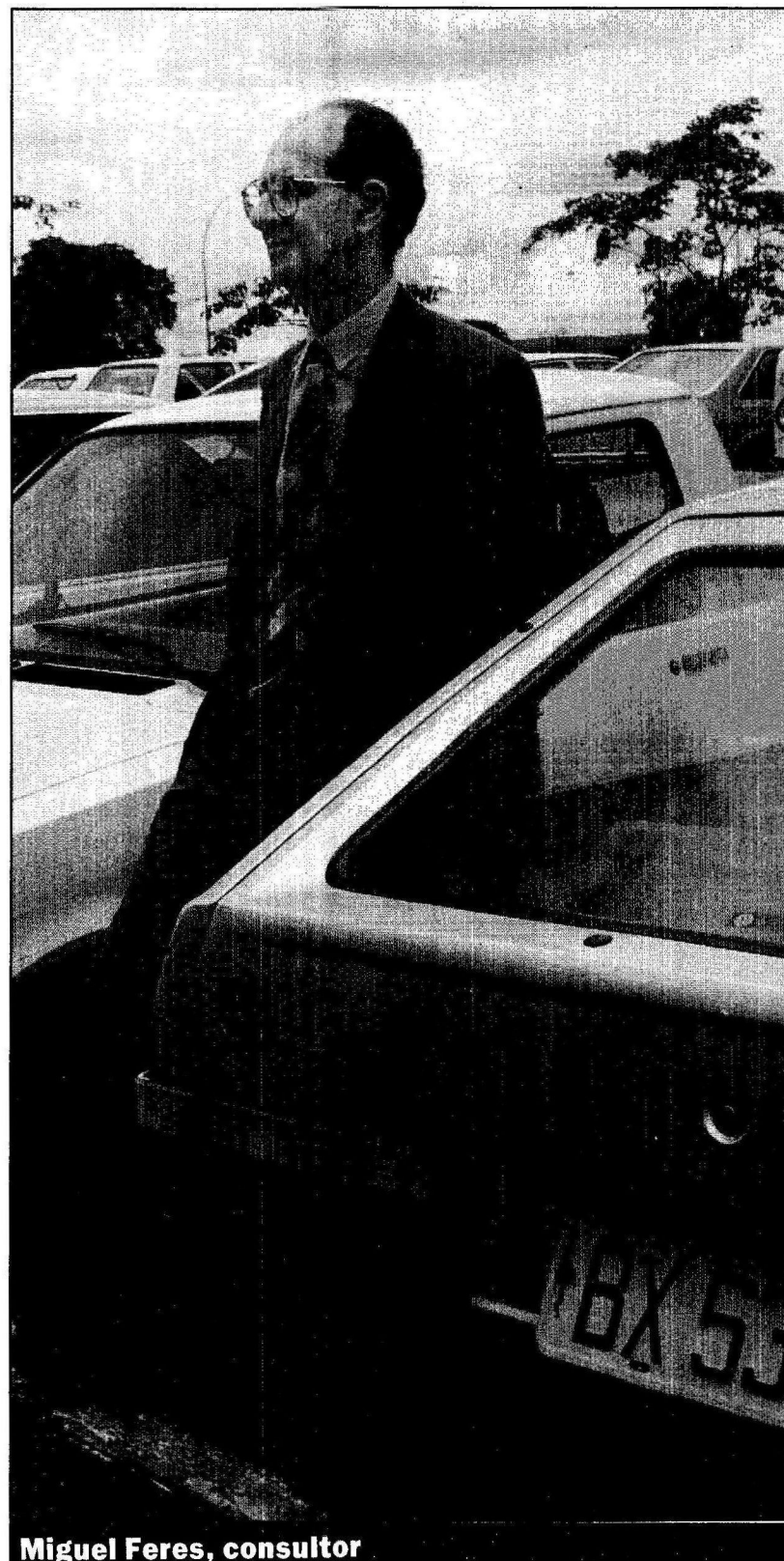
Desde que as obras do metrô começaram, em 06 de junho de 1992, o mercado de mão-de-obra de Brasília sofreu um aquecimento. Criaram-se dez mil novas vagas, entre empregos diretos e indiretos. O pedreiro José Ferreira de Santana, de 36 anos, foi um dos beneficiados. Depois de quatro meses desempregado, ele há quase dois anos trabalha na construtora Norberto Odebrecht. Hoje se diz satisfeito porque a família não passa mais "necessidades".

Natural de São João do Piauí, José Ferreira mora em Brasília há 17 anos. Trabalha das 07h às 19h diariamente. Casado, pai de seis filhos, reside em Samambaia, onde há três meses luta para concluir as obras de sua casa, erguida nas horas de folga e nos finais de

semana. Confessa-se orgulhoso por estar contribuindo na construção do metrô, uma obra "tão importante para a cidade".

José Ferreira já trabalhou nos túneis do metrô na Asa Sul e ajudou a erguer algumas estações. Hoje trabalha em Águas Claras. Seus vencimentos chegam a CR\$ 220 mil mensais. Parte do dinheiro ele aplica na conclusão de sua casa — atualmente mora em um barraco de dois cômodos erguido com madeirite nos fundos de seu lote. Sorridente, diz ainda que já conseguiu comprar uma televisão e um som, "que meus filhos tanto queriam".

O grande sonho de José Ferreira é conservar a saúde e ter um emprego seguro. José Ferreira conta ter cursado apenas o primeiro ano primário.



**Miguel Feres, consultor**

O consultor técnico da Associação Brasileira dos Bancos Estaduais (Asbace) Miguel Feres, 50 anos, chegava para trabalhar sempre por volta das 9h, quando então subia para ocupar sua sala no 6º andar do ed. Morro Vermelho, na Quadra 01 do Setor Comercial Sul. Há mais de um ano, no entanto, desde que começaram ali as obras do metrô, ele se vê obrigado a acordar mais cedo e estar no trabalho antes das 8h.

A mudança na rotina da vida profissional do consultor foi provocada pela instalação do canteiro de obras da Estação 02 (SCS). O estacionamento local foi reduzido e encontrar uma vaga para deixar o carro, em certos períodos do dia, consiste em um verdadeiro exercício de paciência e manobras para todo lado. "A tar-

de, quando retorno do almoço, só mesmo graças a um milagre para se conseguir vaga aqui nas proximidades", disse.

Quando não encontra vaga perto do seu local de trabalho, uma das saídas que resta ao consultor é deixar seu Gol cinza (Placa BX-5367) no estacionamento do Hospital Distrital. "Aí, tenho de andar quase um quilômetro. Quando chove, é um horror", comenta. Miguel Feres conta ainda que às vezes a opção que tem é deixar as chaves do veículo com os lavadores de carro para que estes possam estacioná-lo. "A saída é correr o risco". Outra opção nada correta que muitos motoristas adotam é estacionar o carro em áreas reservadas ao Corpo de Bombeiros.